III Congresso Internacional
das Licenciaturas
COINTER - PDVL2016

POR UM NOVO PARADIGMA: UMA PROPOSTA DE DISCUSSÃO ACERCA DA DIVISÃO DOS CONTEÚDOS DA GEOGRAFIA ESCOLAR

Apresentação: Comunicação Oral

Dilton Arlindo dos Santos Junior¹; Raphael Fontoura da Silva²; Ana Paula Torre de Queiroz³

Resumo

O presente trabalho é resultado de reflexões realizadas na disciplina de Laboratório de prática de ensino de Geografia, do curso de licenciatura em Geografia do IFPE. A partir das discussões realizadas em sala, realizamos o levantamento da bibliografia que tratasse da questão acerca da divisão didática que ocorre entre a Geografia Humana e a Geografia Física, como isso se estabeleceu como dogma na sala de aula e os seus desdobramentos na qualidade do ensino de Geografia na educação básica. Para dialogar com a literatura já existente acerca do tema aplicamos questionários com alunos do 9º ano do ensino fundamental, afim de discutir a temática com uma pequena amostra da realidade. Os questionários foram aplicados numa escola pública da rede estadual de ensino, por considerarmos a escola pública como um campo de pesquisa mais heterogêneo e com um leque mais amplo de realidades. Tomamos aqui a educação como ação humana carregada de intencionalidades, onde os fenômenos não ocorrem de maneira espontânea, por isso buscamos construir o texto de forma crítica, afim de levantar questionamentos acerca da temática e incentivar o debate.

Palavras-Chave: Didática - Ensino – Professor

Introdução

Mesmo nos dias atuais em sala de aula, no que diz respeito as práticas cotidianas no ensino básico e o que se discute nas licenciaturas, nos deparamos ainda com a separação da geografia física e humana, mas até que ponto isso pode ser prejudicial ao aprendizado do aluno e as práticas pedagógicas do professor? Será que o conhecimento geográfico se dá de forma repartida? São essas questões que permeiam o cotidiano, muitas vezes sem serem percebidas por grande parte da comunidade acadêmica e escolar.

Muitas vezes por puro comodismo de separar, mecanizar e aplicar como se fossem uma regra bem definida. Os livros didáticos contribuem para esta pratica em sala de aula, é visível a separação da geografia de aspectos físicos e humanos. Geralmente aplica-se primeiro a geografia física nos mais variados aspectos, nos capítulos seguintes aplica-se a geografia humana. Digamos que o professor aplique os assuntos da geografia humana em uma região no qual trabalhou os aspectos físicos, caso

¹ Licenciatura em Geografia, IFPE, santos.junior160@gmail.com

² Licenciatura em Geografia, IFPE, raphael.foutoura@hotmail.com

³ Professora Mestre, IFPE, profa.anapaulatorres1@gmail.com

o professor não relembre aos alunos as condições de vida da população ali existente de acordo com os fatores físicos, o conhecimento por parte do aluno, ficara repartido. Discutir a ciência geográfica não é tarefa fácil. A divisão disciplinar é histórica, desde o momento que se tentou compreender diversas situações no espaço geográfico.

Compreender e modelar as relações ecológicas, biogeográficas, hidro climáticas e geomorfológicas por meio da observação e compreensão da natureza e seus processos formadores. De outro lado, evoluía uma geografia voltada para a compreensão das formas e processos da sociedade, pautada nas Ciências Humanas, como por exemplo, a economia, a sociologia, a antropologia, dentre outras. Outro fato que deve ser posto em questão é a respeito do método de ensino e aprendizagem utilizado até os dias atuais, nas mais diversas universidades. Para o estudo da ciência geográfica, a mesma foi subdividida em diversas disciplinas, de forma a se obter um maior aprofundamento em cada uma das mesmas, e logo após, a junção no final do curso, daí o licenciado teoricamente estará munido e apto a exercer a prática docente nas escolas.

Fundamentação Teórica

Desde que a Geografia se consolidou como ciência a dicotomia entre a parte humana e a parte física se fez presente. Em maior ou menor grau as principais escolas geográficas incorporaram essa dicotomia, sendo elas a escola francesa, alemã, inglesa e estadunidense. Nascida dessa discussão científica, a Geografia escolar também vai incorporar essa prática de fatiamento do conhecimento geográfico, sendo um paradigma a ser superado na atualidade. Como professores de Geografia nosso papel na superação desses paradigmas é fundamental, visto que temos que preparar nossos estudantes para a complexidade dos fatos no mundo real, onde os processos não se dão de forma fragmentada e sim de maneira integrada.

Realizar uma reflexão sobre o espaço pressupõe discutir seus aspectos físicos e humanos, a relação que se estabelece entre eles e a relação dos homens com os outros homens, no entanto algumas vertentes da Geografia afirmam a vocação “físico-descritiva” dessa ciência, posicionamento com o qual não comungamos. Seguindo essa linha de pensamento, CARVALHO, M. B. pontua que,

“Essa opção ‘Avestruz’, via de regra adotamos nós – professores de Geografia. Deixamos o curso anormal e irregular das coisas correr. Adotamos uma bibliografia básica, que pode ser do Brasil ou do Japão, ou até de todos os países do globo, não importa, a ladainha é sempre a mesma: o quadro físico, o quadro humano, o quadro econômico. Pode mudar o país, a região, pode até ser o mundo inteiro que essa receita didática (lembra aquele antigo drops Dulcora: embrulhadinho, quadradinho...) da geografia não falha. O argumento da separação é sempre o mesmo: o tratamento didático (o estudante é um burro, o professor um incapaz).” (CARVALHO, M. B. OLIVEIRA, A. U. 2010, p.82).

Podemos observar que este não é um fenômeno isolado como bem aborda o autor, visto que já é uma didática consolidada no ensino da Geografia escolar a nível mundial. Esta abordagem prejudica a sistematização dos conceitos geográficos por parte dos estudantes que sempre tem que ver todo o conteúdo do início ao fim, sob óticas diferentes.

O conteúdo capturado pela ótica descritiva, funciona como uma fotografia do espaço, onde apenas fazemos recortes a serem contemplados sem, contudo, questionar os seus arranjos, relegando este questionamento a outras áreas de conhecimento. Argumentos a favor dessa didática fragmentada afirmam que “na realidade tudo é integrado – a natureza, o homem e a economia. No entanto, para efeito de facilidade de compreensão, separamos os três ramos na sala de aula”. (CARVALHO, M. B). O que ocorre na prática, todavia é que todas essas dimensões de análise estão integradas, causando dificuldade e estranhamento por parte dos estudantes que foram ensinados a não saber relacionar os aspectos físicos e humanos e a aceitar a realidade como está posta.

A educação como qualquer atividade humana é carregada de intencionalidades, não podemos esperar que os modelos propagados sejam obras do mero acaso e sim resultados de intencionalidades e de interesses do grande capital por trás desta concepção de educação. A grande sacada na estruturação do capitalismo foi a separação entre os meios de produção da riqueza e os trabalhadores, ou seja, uma separação entre os meios físicos e os meios humanos, processo reproduzido na dicotomia da ciência geográfica.

O ensino não está apartado da realidade social, sendo parte constituinte da reprodução da sociedade e do processo de humanização, trazendo consigo as contradições da sociedade ao qual está inserido. Superar a fragmentação do ensino da Geografia escolar, pressupõe superar uma visão de mundo fragmentada criada pelo capitalismo e passar a trabalhar de maneira integrada. O professor em sua atividade docente encontra dificuldades para trabalhar sob uma nova perspectiva, visto que os livros didáticos se encontram na maioria dos casos de forma fragmentada. No ensino médio em particular, a organização dos conteúdos nos livros didáticos é facilmente perceptível, onde os conteúdos físicos se concentram no livro destinado a primeiro ano, os conteúdos humanos se concentram no livro destinado ao segundo ano e os conteúdos econômicos se encontram no livro destinado ao terceiro ano.

A geografia ainda carrega um caráter muito descritivo, escondendo muitas vezes a realidade que realmente deve ser mostrada em sala de aula de modo a verdadeira compreensão por parte dos alunos. A geografia que foi moldada com base na memorização, principalmente no que diz respeito a geografia física, ainda pode ser encontrada em sala de aula pela compreensão do aluno e o que ele traz para dentro da escola. A prática docente também deriva desta prática que evita a compreensão. Muitos alunos classificam como uma matéria desinteressante que necessita de memória para

acumular nomes de rios, países, decorar mapas e memorizações a respeito do relevo. A memorização faz parte do processo do aprendizado, no entanto que faça uma relação compreensiva de todos os fatores que permeiam os assuntos que são abordados, memorização que se relaciona com o aprendizado e não apenas com descrições de paisagem ou aspectos humanos. Saber tomar uma informação e relacionar os elementos envolvidos, é de fato a verdadeira função da geografia que ajuda de fato a compreender a realidade.

Metodologia

Este trabalho foi realizado como componente da disciplina de prática de laboratório e ensino, no curso de licenciatura em Geografia. Foi realizada pesquisa bibliográfica acerca de autores que discutissem a temática proposta para o presente trabalho. Inicialmente foi realizada o levantamento da bibliografia existente em relação a temática do ensino de Geografia e as divisões pedagógicas em sala de aula, para pautar as discussões acerca do problema levantado. Com base nas discussões realizadas foi elaborado um questionário contendo 5 perguntas objetivas e de múltipla escolha, de forma a levantar algumas informações que subsidiassem as discussões e a construção do texto. Os questionários foram aplicados numa escola da rede estadual de ensino com estudantes do 8º e 9º ano do ensino fundamental. Aplicamos o instrumento de pesquisa numa escola pública em função da heterogeneidade do público atendido. Nossa escolha se deu em função do 8º e 9º ano por serem os anos de transição entre o ensino fundamental e o médio, onde objetivamos obter um panorama da visão dos estudantes em relação ao tratamento didático dado a disciplina de Geografia, obviamente levando em consideração as dimensões restritas da nossa pesquisa, tendo consciência que qualquer dado gerado aqui é apenas um pequeno recorte que nos ajuda a compreender a realidade mais geral.

Resultados e Discussão

Desenvolvemos nossa análise baseada numa pesquisa qualitativa, pois consideramos o instrumento mais adequado para lidar com nosso objeto de estudo. Coletamos os dados numa Escola de ensino fundamental II com turmas do 8º e 9º ano da rede estadual de ensino, Escola Estadual Engenheiro Lauro Diniz. Optou-se pelos anos finais do ensino fundamental pelo fato dos estudantes já possuírem uma relativa maturidade acerca do assunto, e levando em consideração que estes anos são a transição entre o ensino fundamental e o ensino médio, optamos por realizar a discussão nesses anos. Nos livros consultados observamos uma divisão clássica entre a parte humana e física da Geografia, sendo este o primeiro dado a ser levado em consideração na discussão realizada. Este primeiro dado será confrontado nos próximos dados da pesquisa, partimos da indagação da

observação dos estudantes em relação a geografia inicialmente nos deparamos com esse dado da importância que eles relegam a tal disciplina.

Figura 1: Porcentagem de estudantes que identificam a divisão entre Geografia humana e Geografia física. Fonte: Própria.

A primeira pergunta foi a seguinte: Nas aulas de Geografia é perceptível a divisão entre a Geografia física e humana? 62% responderam que sim e 38% responderam que não. Com esses dados podemos observar que os alunos percebem que a disciplina se apresenta dividida, apesar de ainda não terem consciência sobre as implicações dessa divisão didática os estudantes já percebem que ela existe. A pedagogia que está consolidada na escola da educação básica naturalizou no estudante o tratamento isolado dos conteúdos, num currículo organizado de maneira centralizadora no Ministério da educação, dividindo os aspectos físicos e humanos onde no fim os estudantes não vão estar aptos a relacionar o conteúdo completo. Quando passamos para a análise do próximo dado, que vai demonstrar o interesse em relação a Geografia física e a Geografia humana. Seguem os dados: Você se interessa por Geografia física ou humana? 25% se interessam por ambas, 55% física, 20% humana. Aqui percebemos como a maioria dos estudantes preferem os conteúdos físicos, que são facilmente identificados como conteúdos geográficos e considerados mais relevantes.

Este predomínio da Geografia física também é herdado dos anos em que o Brasil esteve sob administração militar, levando a disciplina de Geografia a ter um cunho nacionalista e patriótico que deveria exaltar as riquezas naturais do país em detrimento de analisar o seu quadro social. A educação básica está acostumada com um predomínio dos conteúdos físicos e descritivos e isso se reflete no interesse dos estudantes, que se apresentam muito baixos em relação aos conteúdos da chamada

Geografia Humana. Seguindo com os dados, a seguir podemos observar a seguinte questão presente na figura2: No seu entendimento a Geografia é uma ciência física ou humana. 62% ambas, 28% física e 10% humana.

Figura 2: Classificação da Geografia como ciência. Fonte: Própria.

Este dado é muito importante na compreensão da problemática tratada no texto, aqui podemos observar que a maioria dos estudantes considera a Geografia como uma disciplina que é física e humana, dado que claramente se choca com a figura 1. Observamos com essas duas figuras a naturalização da divisão didática da Geografia, pois ao mesmo tempo que os estudantes visualizam a disciplina repartida em sala de aula eles também tem a percepção de unidade entre os aspectos humanos e físicos.

Como você vê o livro didático? Cansativo 20%, atende as expectativas 61%, não contribui sem o auxílio do professor 19%. Você consegue estabelecer relações entre os conteúdos de Geografia Física e os de Geografia Humana? Sim 70% Não 30%. Também particularmente na disciplina de Geografia. Podemos levantar algumas teorias a respeito disso, como por exemplo se ter professores não formados em Geografia influenciassem os estudantes a não se interessar pela disciplina já que não possuem a formação adequada para lidar com o conteúdo geográfico e analisar os fenômenos sob a ótica espacial que é o objeto de estudo da Geografia, pois a maioria dos estudantes pesquisados não consideravam a Geografia uma disciplina difícil e não tinham dificuldades em acompanhar a matéria, no entanto não consideravam a disciplina uma matéria interessante. Como professores de Geografia nosso papel é mostrar a importância do conteúdo ministrado e traduzir a linguagem científica para uma linguagem escolar que possa ser compreendida pelo estudante, pois o principal compromisso da

escola tem que ser a socialização do conhecimento científico e o aprendizado dos alunos, compromisso esse que deve ser assumido por todos os professores que se propõe a estar em sala de aula.

Conclusões

O ensino não está apartado da realidade social, sendo parte constituinte da reprodução da sociedade e processo fundamental no processo de humanização do ser humano, trazendo consigo as contradições da sociedade ao qual está inserido. Superar a fragmentação do ensino da Geografia escolar, pressupõe superar uma visão de mundo fragmentada criada pelo capitalismo e passar a trabalhar de maneira integrada. Cabe aos educadores tentar superar as fragmentações do campo científico que prejudicam a compressão por parte dos estudantes do conteúdo específico de cada disciplina. Trabalhar em sala de aula de maneira integrada ao resto das disciplinas, não podemos lidar com a nossa disciplina como um fato isolado no mundo e sim como uma parte do vasto campo de estudo das ciências modernas.

A geografia ainda carrega um caráter muito descritivo, escondendo muitas vezes a realidade que realmente deve ser mostrada em sala de aula de modo a verdadeira compreensão por parte dos alunos. Quando o docente está em sala de aula apenas para reproduzir o livro didático, o seu trabalho perde um pouco de sentido já que os alunos já estão de posse do livro e caberia ao professor a mediação e o enriquecimento do conteúdo com novos conhecimentos e abordagens que ultrapassem a limitação física e temporal do livro didático. A geografia que foi moldada com base na memorização, principalmente no que diz respeito a geografia física, ainda pode ser encontrada em sala de aula pela compreensão do aluno e o que ele traz para dentro da escola. A prática docente também deriva desta compreensão que prejudica o aprendizado da disciplina. Muitos alunos classificam como uma matéria desinteressante que necessita de memória para acumular nomes de rios, países, decorar mapas e memorizações a respeito do relevo.

A memorização faz parte do processo do aprendizado, no entanto não deve ser o único meio de trabalhar o conteúdo, sendo importante a memorização que faça uma relação compreensiva de todos os fatores que permeiam os assuntos que são abordados, memorização que se relaciona com o aprendizado e não apenas com descrições de paisagem ou aspectos humanos. Saber tomar uma informação e relacionar os elementos envolvidos, é de fato a verdadeira função da geografia que ajuda de fato a compreender a realidade. A nós não cabe apontar soluções nem formulas prontas para o enfrentamento do problema, sendo mais importante levantar a questão para debate entre os especialistas da área os professores da educação básica, como também os próprios estudantes que são os principais impactados pelas metodologias de ensino. Nas próximas reformulações do currículo de

Geografia temos que dar maior visibilidade aos professores da educação básica, dando a eles posição de destaque nos debates, que em sua maioria são realizados em gabinetes do Ministério da educação sem levar em consideração a realidade da escola.

Referências

A Ontologia do ser social e a educação. VIII Congresso Estadual Paulista Sobre Formação de Professores. São Paulo, Editora da UNESP, pp. 543-558. ISBN: 85-7139-702-3. Trabalho apresentado em 26/09/2005

CARVALHO, M. B. A natureza da Geografia do ensino médio. In: OLIVEIRA, A. U. (Orgs) **Para onde vai o ensino de Geografia?**. Crise da Geografia, da escola e da sociedade os novos rumos do ensino da Geografia a realidade, a educação e a Geografia em discussão. São Paulo: Editora Contexto, 2010. p. 81-108.

VESENTINI, J. W. Geografia crítica e ensino. In: OLIVEIRA, A. U. (Orgs) **Para onde vai o ensino de Geografia?**. Crise da Geografia, da escola e da sociedade os novos rumos do ensino da Geografia a realidade, a educação e a Geografia em discussão. São Paulo: Editora Contexto, 2010. p. 30-38.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus Professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente.** São Paulo: Cortez, 1998.